

REVOLUÇÃO-POESIA- REVOLUÇÃO

NÃO há Revolução sem Poesia: não há Poesia sem Revolução. Constatamos esta verdade através de muitas das poesias publicadas pela FRELIMO ao longo de dez anos de luta, através do caderno do Departamento de Educação e Cultura «Poesia de Combate», na forma e conteúdos poderosos e sempre renovados dos cantos revolucionários que se podem escutar do Rovuma ao Maputo. Trata-se, com efeito, de importantes contributos no sentido da criação de condições que unificam hábitos, costumes e tradições, dando-lhes uma dimensão revolucionária e, como foi frizado em Mocuba, contribuindo assim para a formação da verdadeira personalidade do Povo de Moçambique. É também nesta perspectiva que nos surge o pequeno caderno de 47 páginas de poesia que referimos nestas breves notas de leitura.

Acrescentemos que o seu autor (ou autores?) pretende manter-se anónimo. Respeitemos-lhe essa vontade, aceitemos-lhe, ela não é importante: a sua poesia ultrapassa efectivamente o indivíduo para ser verdadeiramente colectiva, popular e nacional. Revolucionária, em suma, e é isto que interessa. Porque a Luta Continua: e a Poesia, como a Cultura, é (tem de ser) uma das ~~mas~~ armas.

AS LINGUAGENS

Na cabeça de um homem há muitas línguas a falar diferente
Falam com bocados umas das outras e estão unidos sem saber
Quando um homem pensa sozinho consigo mesmo
É quer tirar da cabeça uma produção útil para todos.
Por exemplo: Penso Rio. É matsi, é water, é água, é quilos de
[litros a andar depressa
uma música da água, é um desenho da água na cabeça.
Posso falar Rio; posso medir Rio, posso desenhar Rio.
Posso tirar o Rio da Cama e pôr o rio acordado num papel
Que é um retrato parecido deste Rio mesmo este.

Isto que faz na cabeça de um homem tirar retrato são línguas
O Rio, a Árvore, o Animal, a Rocha, a Terra, o Sol, o Vento.
São as caras da Natureza que as minhas línguas estudam.

A escola Primária Colonial está mal.
A língua das palavras não chega para tudo
É preciso aprender uma língua dos números
É preciso aprender a língua dos desenhos
As três línguas juntas é que são a língua verdadeira do Homem
E depois o Homem já fala à Natureza bem
E pode aprender dela tudo o que há-de ensinar.

Sigo a pista do cabrito. Pégadas e capim partido. É desenho,
Lisso.
O excremento está fresco no Sol. Passou pouco. É cálculo
Laritmético.
Está ali. Não é cabrito. É cabrita. Falei com palavras.
Conheço que não sei pensar em nada só numa língua.

ESTOU TRANQUILO

Estou tranquilo

Este inimigo morto não é inimigo
Não posso chamar inimigo a quem assim me sorri
É lamento que só agora pela mão da morte
Viesso para o mesmo lado da Vida.

Este inimigo morreu com ignorância
Ignorando mesmo a sua doença mortal
Já vinha morto quando a minha arma falou
Foi a Voz da minha arma que lhe deu a Vida
E o sorriso com que assim me sorri.

Sorrio-lhe também com amizade e muito respeito.
Retiro-lhe a documentação militar
Porque nasceu agora e tem nome próprio
Deixo-lhe as cartas e fotos porque hoje nasceu na família
Ajeito-lhe melhor a cabeça no boral de campanha
E não lhe fecho os olhos porque nasceu e está vivo.
Aluguma parte tem um inimigo. Não era ainda este.

PÉS DA MESA

Um camponês, um operário, um pescador, um estudante
Discutiam quem é melhor, quem é mais, quem é que é.
Era um estudante. Era um pescador. Era um operário. Era um
[camponês.

Sem eu camponês não há colheita, não há pão de comer
Sem eu pescador não há pesca, não há carne de peixe
Sem eu operário não há ferramenta para fazerem comer
Sem mim estudante, não haverá nada disso nem ciência para
[organizar

Estavam os quatro pés da mesa a discutir
Eu eu eu eu é que seguro a Mesa de pé.

XII Por isto há tampos de mesa pesados
Que mete os pés no chão dentro com o peso.

Um soldado do Povo veio do calado dizer:
Somos todos pés da Mesa da Pátria
Para servir o Futuro bem cozinhado aos Continuadores
E afinal somos todos fazendo a mesma coisa
Semear, foriar, pescar, estudar, lutar
Cada um trabalha diferentes caras da Natureza
Com diferentes maneiras e diferentes utensílios
A enxada é anzol é martelo é livro é arma
O martelo lavra, cria, estuda a manobra do ferro, luta com
[o ferro

A rede, faz colheita, molda o mar, aprende do mar, vence o mar
O livro semeia a cabeça, foria a Inteligência da Mão
Pescar o Conhecimento, luta com a Ignorância.
O guerrilheiro Semeia a Unidade. Edifica o Trabalho
Navega na Vigilância, Estuda o Serviço do Povo, luta com a
[divisão.

Onde está essa tanta diferença que é ser mais e melhor?
Há aí alguém tanto assim muito enorme?